

Introdução



No universo acadêmico, as aulas são um espaço privilegiado para a leitura, análise e produção de textos. Dentre os gêneros textuais solicitados aos alunos, o professor ocupa-se, dentre outros, com o resumo, a resenha, a recensão, o ensaio, a monografia e a sinopse. É comum que, para o aluno, não estejam claras as definições dessas terminologias – a estrutura de cada gênero e também suas implicações conceituais precisam ser previamente esclarecidas aos acadêmicos, a fim de que atendam a contento à atividade solicitada. Para isso, tratamos aqui, sinteticamente, de cada uma dessas – e de outras – contextualizações. Começaremos pelo resumo, e já explicamos o porquê: o resumo – assim como outras produções – implica a utilização da paráfrase. Comecemos!

**4.1 Paráfrase e gêneros**

Para produzir uma paráfrase, você – o leitor – é essencial para a constituição do texto. É preciso vincular os conhecimentos de outros textos, para que a paráfrase, de fato, cumpra sua função. Antes de realizarmos uma conceituação do que seja paráfrase – e suas peculiaridades, contextos, classificações – vejamos como se podem definir determinadas tipologias textuais, cujos aprofundamentos você encontra no Capítulo 10 deste livro. Aqui, para este capítulo sobre Paráfrase, veremos as tipologias que seguem, para, então, “conversarmos” sobre os sentidos por meio dos quais essas produções dialogam com a paráfrase. Repare que utilizamos, nessa última enunciação, o verbo “dialogar”. Desde já registramos que a paráfrase é também um diálogo! Guarde esse termo – diálogo – pois, mais adiante, essa ideia, de textos que dialogam entre si, reaparecerá!



Vamos, agora, à definição de alguns gêneros.

**RESUMO**

Conforme sistematização da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, **resumo** é a apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento (ABNT, NBR 2015). Entende-se, então, que para a elaboração de um resumo, devemos ater-nos à explanação do(a) autor(a), reapresentando, tão-somente, as ideias principais do texto-base, sem intervenções subjetivas. Essa compreensão é fundamental para que se entenda a diferença entre **resumo** e **resenha**.

**RESENHA**

Enquanto o resumo é a síntese da exposição ideológica do texto de referência – ou texto-fonte – a **resenha** deverá conter também essa síntese, todavia acrescida da avaliação de quem a reapresenta. Resenha é, pois, um resumo redigido por especialistas **com análise crítica** de um documento (ABNT, 2015). Veja-se que a expressão “com análise crítica” clarifica a intervenção subjetiva do resenhista em relação ao texto que se está reelaborando. Nesse sentido, é importante enfatizar que dizermos, portanto, “resenha crítica” é redundante, uma vez que a resenha tem como característica inerente a criticidade do produtor textual.

**RECENSÃO**

A **recensão**, por sua vez, é também uma resenha, com a seguinte singularidade: ter-se-á recensão quando a resenha se referir a apenas **uma edição** dentre várias de determinada obra (ABNT, 2015). Detalhe: essa obra, em suas diferentes edições, deve ter recebido atualizações do autor, acréscimos, ampliações das ideias apresentadas anteriormente. Quando a nova edição de uma mesma obra apresenta esses acréscimos, você verá, na capa, a informação “Obra Revista e Ampliada”. Portanto, ela não é, simplesmente, uma nova edição apenas em função de a edição anterior estar esgotada. A obra está em nova edição e, também, não corresponde à exata publicação anterior, pois o autor pesquisou mais, acrescentou outras informações, ampliou-a.

Assim, se uma obra tem várias edições retomadas pelo autor e fizermos um resumo crítico de apenas uma das várias edições da obra, estamos fazendo uma recensão. Note-se que recensão também implica **um resumo crítico**, razão pela qual possui todas as características da resenha: a diferença está no fato de trabalharmos com uma – dentre várias – edições específicas da obra.

**ENSAIO**

Já o **ensaio** oferece “uma teoria sugestiva em nível de prova dialética, sem a intenção de prová-la extensivamente” (ABNT, 2015). Quem escreve um ensaio considera que um estudo mais profundo vai comprovar sua tese, da qual dá apenas uma explicação suficiente. Em outras palavras, o ensaísta abre um estudo a ser retomado pelo próprio autor ou por outros, pressupondo: “essa tese é suficientemente importante para justificar um estudo mais profundo do tema”. Pode-se dizer, então, que o texto ensaístico sugere ou equivale ao seguinte subentendido: As ideias que estou “ensaiando” dariam uma tese!

**MONOGRAFIA**

A **monografia**, a seu tempo, possui uma estrutura mais “fechada”, se a compararmos ao ensaio. Enquanto o ensaio se apresenta, em seus aspectos formais, inteiro em sua estrutura sequencial – ainda que tenha seções ou capítulos – a monografia apresenta, necessariamente, cada capítulo em partes separadas, apresentando, para cada seção, títulos e subtítulos que sobressaem na estrutura do trabalho. Atualmente – e esta é uma tendência acadêmica universal – prefere-se o formato de artigo ao invés de monografia, pois o artigo é não só mais sintético, prático, objetivo, como também mais concentrado em torno da delimitação do tema.

**SINOPSE**

A **sinopse**, por sua vez, apenas dá uma ideia sobre o assunto de um livro ou de um filme ao qual se esteja referindo. Então: em uma sinopse, nunca contamos o final ou desfecho do livro ou filme, assim como não referimos as considerações finais de um trabalho lido. Abordar todos os aspectos relevantes – inclusive as conclusões/desfechos – cabe ao resumo. Contamos, a seguir, minimamente, aspectos de uma narrativa da mitologia grega, para que você perceba facilmente a diferença entre sinopse e resumo. Repare!



**Exemplo 1 – Sinopse**

**Escorpião**

No conto *Escorpião,* da escritora brasileira Ivana Arruda Leite (2002), o narrador relata que duas irmãs dormiam no mesmo quarto. A mais velha tinha cabelos pretos**;** a mais nova tinha olhos azuis. Em uma determinada noite, a irmã mais velha levantou-se silenciosamente, enquanto a caçula dormia, e cortou-lhe os longos cabelos negros.

**Exemplo 2 – Resumo**

**Escorpião**

No conto *Escorpião,*da escritora brasileira Ivana Arruda Leite (2002), o narrador relata que duas irmãs dormiam no mesmo quarto. A mais velha tinha cabelos pretos e curtos e a gordura de seu corpo a incomodava**;**a irmã caçula era meiga, tinha encantadores olhos azuis e longos cabelos. Em uma determinada noite, a irmã mais velha levantou-se, silenciosamente, pegou uma pequena tesoura e, enquanto a caçula dormia, cortou-lhe os compridos cabelos. Depois, ainda não satisfeita, cravou a tesoura nos olhos da boneca.

Você, facilmente, deve ter percebido que**:** a sinopse omitiu detalhes e ações, principalmente quanto ao final dessa narrativa. Já o resumo apresentou todos os pontos relevantes.



Em síntese, vimos, então, as seguintes particularidades dos gêneros aqui comentados, conforme os quadros a seguir sistematizados.

|  |
| --- |
| RESUMO: Apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento – incluindo-se as considerações finais/conclusões contidas no texto. |

|  |
| --- |
| RESENHA: Resumo redigido por especialistas com acréscimo de nossa análise crítica sobre o texto ou documento.  IMPORTANTE, ENTÃO: Dizermos **resenha crítica** é redundante! |

|  |
| --- |
| RECENSÃO: Quando a resenha se refere a apenas uma edição dentre várias – mas distintas entre si, porque foram atualizadas pelo autor – já publicadas de uma determinada obra. ENTÃO: recensão também implica um resumo crítico. |

|  |
| --- |
| ENSAIO: Oferece uma teoria sugestiva, sem a intenção de prová-la extensiva e exaustivamente. Atem-se a uma explicação suficiente, abrindo um estudo que pode vir a ser retomado pelo próprio autor ou por outros, pressupondo: “essa tese é suficientemente importante para justificar um estudo mais profundo do tema”.  ENTÃO, ensaio ou artigo pressupõe: isso daria uma tese! |

|  |
| --- |
| MONOGRAFIA: tipo especial de trabalho científico, que concentra sua abordagem em um assunto específico, em um determinado problema, com tratamento pormenorizado e analítico. Exige um tratamento estruturado de um único tema, com capítulos e subcapítulos referentes a cada uma de suas partes, com forma e valor didáticos. |

|  |
| --- |
| SINOPSE: Apenas dá uma ideia sobre o assunto de um livro, artigo, filme ao qual se esteja referindo; todavia, não conta aspectos essenciais e conclusivos. |

Agora, trataremos da PARÁFRASE propriamente dita, no seguinte sentido: para você produzir resumos, resenhas, artigos, monografias – ou seja, as tipologias antes sintetizadas – você se utilizará, dentre outros recursos, da paráfrase. Vamos a ela!

**4.2. Parafraseando textos**

Conforme explicita o autor José Gaston Hilgert (2003), tem-se uma paráfrase quando dois discursos estabelecem entre si uma ideia igual ou semelhante, e o segundo é uma retomada parcial ou total do primeiro. Nota-se, assim, que há, na paráfrase, uma relação de “similaridade ou igualdade” entre termos, enunciados, textos. Portanto, para que possamos reconhecer uma paráfrase, precisamos interpretar aquilo que foi dito em relação ao texto que lhe deu origem, ao texto que será parafraseado.

Você deve estar reconhecendo, aqui, as características do resumo, tipologia sobre a qual há pouco escrevemos. Por isso, quando você faz um resumo – ou mesmo uma resenha – estará parafraseando as ideias desenvolvidas no texto-fonte. Imagine que você leu um artigo, obra, texto de um determinado autor e que deseja resumir – ou resenhar – as ideias por ele expostas. No entanto, você não o fará transcrevendo as exatas palavras desse autor. Nesse caso, você dirá, com as suas próprias palavras – ou seja, parafraseando – o que o estudioso abordou. Você estará, então, fazendo alusões ao texto, mas é você o sujeito das enunciações, o sujeito dessa conversação. É importante entender, nessa perspectiva, que o texto que você reescreve teve como base a obra consultada, todavia não está reproduzido diretamente para o seu trabalho.



Observe essa estrutura nos exemplos seguintes. Para melhor compreensão, utilizamos uma citação da obra *Dicionário de mitos literários*, de Pierre Brunel. Dessa forma, você perceberá, comparativamente, a diferença entre o texto-fonte de Brunel, e a paráfrase que o segue.

|  |
| --- |
| **Exemplo 1 – Texto-fonte de Pierre Brunel:**  “Como o mito, o conto é originado da memória coletiva e contado por um grande locutor anônimo de contornos indecisos. Como o mito, inscreve-se na tradição. É nela que o contista extrai os motivos da narrativa, ou pelo menos a trama que os organiza, conferindo-lhes um sentido, uma direção”. (BRUNEL, 1998, p. 192) |
| **Exemplo 2 – Mesmo texto de Brunel, mas parafraseado:**  Conforme explicita Pierre Brunel (1998), o conto, assim como o mito, tem sua origem na memória coletiva, e é propagado por contadores de histórias muitas vezes anônimos. Além disso, o conto - novamente em comparação ao mito - também se vincula à tradição, da qual o contista retira elementos, seja do enredo, seja de argumentos, dando-lhes significações e direção. |

**Sobre a reescrita – ou sobre a paráfrase – do exemplo 2, repare:**

 1º) A paráfrase apresenta-se como expressão da ideia contida no livro de Jaeger, que utilizamos. É a reapresentação da ideia, mas não é a exata citação das mesmas palavras do autor.

2º) Dispensa o uso de aspas, pois não estamos citando diretamente os mesmos enunciados tal como foram escritos pelo autor.

 3º) Quanto à referenciação da fonte – conforme as normas da ABNT – dispensa a indicação de número de página, pois não é uma citação direta.

**4.3 Paráfrase Reconstrutiva ou Heteroparáfrase e Autoparáfrase ou Retórica**

Quando fazemos um resumo de um texto – ou uma citação indireta a respeito das obras, enunciados, termos de um autor – mas mantemos as mesmas ideias, estamos elaborando uma paráfrase reconstrutiva (HILGERT, 2003). Na concepção de Hilgert, “paráfrases reconstrutivas são reformulações feitas pela pessoa que estava ouvindo o discurso, mas mantém a equivalência semântica com o enunciado original que pertencia a uma outra pessoa” (HILGERT, 2003, p. 122).

Portanto, no exemplo 2 do subcapítulo anterior, a reformulação apresentada do discurso de Jaeger é uma Paráfrase Reconstrutiva, uma vez que mantivemos as mesmas ideias de Jaeger, representadas com similaridade em seus contextos. Essa mesma classificação, com igual sentido, é chamada por Wenzel de Heteroparáfrase. Lembramos, aqui, que “hetero” é um termo grego que significa “o outro”, “o diferente de mim”. Nesse sentido, a heteroparáfrase ocorre quando nós reproduzimos o discurso de outra pessoa, de outro autor.

Já a Autoparáfrase ocorre quando o enunciador reformula a sua própria fala ou escrita. “Auto” é o termo grego para “eu mesmo”, “eu próprio”. Então, quando você mesmo esclarece melhor algo que disse, para garantir a compreensão do ouvinte ou leitor, você está realizando uma autoparáfrase. Hilgert especifica esse recurso citando as expressões “quer dizer”, “isto é”, “ou seja”, muitas vezes utilizadas por nós para reafirmarmos, com uma explicação complementar, o que dissemos anteriormente. Wenzel, por sua vez, denomina de “Retórica” esse tipo de paráfrase.

A Retórica, como sabemos, é uma arte que remete à eloquência, à oratória, a uma eficaz capacidade de comunicação. Então, a retórica, enquanto paráfrase, pode ser compreendida como a competência para dizermos, com outras palavras, mas mantendo o mesmo sentido, aquilo que afirmáramos anteriormente. Por isso, para Marcuschi, os marcadores linguísticos para essa classificação parafrástica podem ser as expressões “isto é”, “ou seja”, “quer dizer”. Acompanhe os exemplos.



|  |
| --- |
| Paráfrase Reconstrutiva é a reformulação que eu faço a partir de um discurso enunciado por outra pessoa, isto é, por um outro que não sou eu. Por isso, esse tipo de paráfrase é também chamado de Heteroparáfrase, ou seja, eu reformulo a construção discursiva de outro (= hetero) enunciador, e o reapresento com as minhas próprias palavras. |

POR OUTRO LADO**:**

Autoparáfrase é a reformulação que eu faço a partir de um discurso que eu mesmo estou a enunciar, **quer dizer**, eu repito, com outras palavras, mantendo o mesmo sentido, aquilo que afirmei no período anterior. Por isso, a Autoparáfrase é também chamada de Retórica, **isto é**, eu reformulo a minha construção discursiva anterior, e a reapresento utilizando outras palavras, o que exige de mim competência linguística, **ou seja**, exercito, dessa forma, a arte da retórica.

**4.4 Paráfrase: Níveis de linguagem**

Para além do contexto discursivo, a paráfrase não se restringe, tão-somente, a uma “similaridade semântica”, isto é, a dizermos, com outras palavras, um discurso preexistente. É isso também, mas há outras implicações quando estudamos Paráfrase. Os linguistas Pêcheux e Fuchs sistematizam quatro planos – ou níveis – envolvidos na paráfrase e, para alguns deles, fazem associações com as funções da linguagem, de Roman Jakobson, com o efeito sobre o receptor e com as figuras de estilo. São quatro os níveis, conforme seguem.



A) Nível Referencial – Função Referencial

B) Nível Locutivo – Função Metalinguística

C) Nível Pragmático – o Plano do Efeito

D) Nível Simbólico – Figuras de Estilo

**A) Nível ou Plano Referencial**

No contexto das funções da linguagem, estruturadas por Roman Jakobson, a função referencial é aquela que interpreta a linguagem conforme seu sentido denotativo. Portanto, referente e denotação são termos que se assemelham, ainda que não sejam sinônimos. Na função referencial, a compreensão deve se relacionar ao sentido objetivo, “de dicionário” a que as enunciações aludem. Observem a frase:

 Sou uma professora que gosta muitíssimo de escrever.

Na função referencial, a única forma possível de interpretar o que está escrito é reproduzir o exato sentido do discurso. Então, no caso do superlativo “muitíssimo”, a compreensão é de que “gosta muito mesmo!”. E no nível da paráfrase? Bem, aí, temos uma maior liberdade para redizer o que foi enunciado. No entanto, essa liberdade não nos permite “transgredir” o sentido.

Na paráfrase referencial, podemos ir além do estritamente enunciado, desde que saibamos que OS REFERENTES são exatamente os que decodificamos por meio da construção parafrástica. Assim, se vocês tiverem conhecimento – com toda a certeza! – da identidade da pessoa que está afirmando ser “uma professora que gosta muitíssimo de escrever”, ou seja, se vocês souberem que é a professora Marione, ou a professora Dóris Cristina, a Débora, a Elza Maria, a Ilhesca ou a Maria Alice, nesse caso, podem PARAFRASEAR o enunciado da seguinte forma:

A professora Marione disse que gosta muitíssimo de escrever.

 OU

A professora deve gostar mesmo muito de escrever, pois até usou um superlativo para verbalizar essa predileção.



**Percebam**: neste nível, temos uma maior liberdade para parafrasear; no entanto, temos de fazê-lo com os referentes adequados, precisamos estar certos sobre as interpretações realizadas.

**B) Nível ou Plano Locutivo**

Esse plano remete-nos a uma decodificação restrita ao universo linguístico. Para exercitar o plano locutivo da paráfrase, é preciso que nos atenhamos à LOCUÇÃO, ou seja, estritamente àquilo que foi enunciado, mantendo os signos e códigos por meio dos quais a enunciação se concretiza. Leiamos, então, os seguintes períodos:

|  |
| --- |
| O coelho saiu da toca. Ele usava uma cartola. |

Para elaborarmos paráfrases dessa locução, podemos formular períodos variados, mas todos devem reproduzir os sentidos enunciados:

I. Saiu um coelho da toca e ele usava uma cartola.

II. O coelho que saiu da toca usava uma cartola.

III. Aquele ser que usava uma cartola era o coelho e ele saiu da toca.

IV. Existia um coelho que usava uma cartola**:** foi ele que saiu da toca.



Como vemos, há variadas possibilidades parafrásticas – construímos quatro, mas não esgotamos as possíveis reelaborações. Esse plano LOCUTIVO estabelece relação com a **função metalinguística**, dentre as funções da linguagem sistematizadas por Roman Jakobson. A função metalinguística compreende um diálogo do código com ele mesmo; nesse sentido, no plano locutivo, as quatro reelaborações que construímos usam do código linguístico – e seus signos – para interpretar o próprio código: a frase que serve de fonte às (re)interpretações.

**C) Nível ou Plano Pragmático**

A paráfrase de plano pragmático está diretamente relacionada à intenção – consciente ou não – do locutor em relação ao ato da fala. Isso significa que, nesse plano, tanto o locutor (= emissor) como o receptor possuem um papel preponderante para a decodificação do discurso. Tem-se, aqui, um comprometimento por parte de quem fala/escreve e de quem ouve/lê, no sentido de ressignificar o que foi dito/escrito a partir da “força”, do “poder” da linguagem utilizada.



Acima de tudo, aqui, os “participantes”, as “personagens” vinculadas ao ato de fala, mediadas pela linguagem, produzirão e receberão efeitos a partir do que dizem e do que entendem. Leia os exemplos:

Locutor diz**:**– Queria tanto ir ao cinema hoje, mas não tenho dinheiro.

Receptor entende**: –** Está me pedindo dinheiro para ir ao cinema.

Locutor**:** – Nunca mais faça isso, proibo-te de me contradizer!

Receptor**:**– Ele está furioso comigo!

Locutor**:**– Carlota Joaquina convenceu toda a turma a ir à tua festa.

Receptor**:**– Todos da turma virão à minha festa só porque Carlota Joaquina os convenceu!

Não esqueça: a interpretação provocada pelas enunciações é o “objetivo” da paráfrase de nível pragmático. A intenção de provocar esses efeitos pode não ser consciente por parte do locutor, mas a linguagem utilizada produzirá um “efeito prático”. Por isso, o nível chama-se pragmático.

**D) Nível ou Plano Simbólico**

Este nível pauta-se em figuras de estilo e em interpretações simbólicas. Relacionado às figuras de linguagem, pode ser compreendido, em especial, por meio de metáforas e de alegorias. São muitos os exemplos para essa tipologia parafrástica, tanto em narrativas ficcionais/literárias como nas bíblicas. Dentre as bíblicas, o plano simbólico faz-se especialmente presente, dentre outras narrativas, nos textos representados sob forma de parábolas. Acompanhe a Parábola do Semeador, apresentada no evangelho de Mateus:

Certo homem saiu para semear. Quando semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e os passarinhos comeram tudo. Outra parte caiu em um lugar onde havia muitas pedras e pouca terra. As sementes brotaram logo porque a terra não era funda, mas quando o sol apareceu, queimou as plantas, e elas secaram porque não tinham raízes. Outras sementes caíram entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. Mas as sementes que caíram em terra boa, produziram na base de cem, de sessenta e de trinta grãos por um. (Mateus 13.3-8)

O plano simbólico, aqui, permite-nos muitas interpretações parafrásticas. Uma delas remete-nos à própria existência humana, durante a qual as nossas escolhas, os caminhos que percorremos, as “sementes” que plantamos podem determinar o rumo dos acontecimentos, um destino que pode conduzir a sofrimentos ou a alegrias.

Pense nas obras que você conhece ou já leu – romances, contos, poemas. Muitas delas, certamente, representam, metaforicamente, alegoricamente, circunstâncias e emoções humanas. A paráfrase de nível simbólico reflete a busca metafísica e abre-se para a transcendência.





*O Sunset Limited* - com Tommy Lee Jones e Samuel Jackson

Nesse filme, observe, nos diálogos entre os protagonistas, as representações de paráfrase construídas ao longo da narrativa.

Além disso, repare como o nível simbólico se vai solidificando, assim como o Referencial, o Locutivo e o Pragmático estão, ao mesmo tempo, presentes.



Afora as duas Funções da Linguagem com as quais os níveis de paráfrase são associadas, há outras quatro funções da linguagem, sistematizadas por Roman Jakobson. Pesquise todas as funções, que são**:** Referencial - associada ao Nível ou Plano Referencial**;** Emotiva**;** Conativa**;** Fática**;** Poética**;** e Metalinguística, associada aoNível ou Plano Locutivo.

**4.5 E a Intertextualidade?**

****

Para encerrarmos este capítulo, é preciso que façamos uma associação entre paráfrase e intertextualidade. Você já leu sobre a intertextualidade no capítulo 2 deste livro. Acrescentamos, agora, que intertextualidade é definida pela teórica literária Júlia Kristeva a partir da seguinte concepção: “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1990, p. 95).

Se todo texto é “um mosaico de citações”, isso implica compreender que há, nesse caso, “um texto dentro de outro texto”. Imagine, por exemplo, que uma personagem de um determinado romance está lendo um livro. O narrador, no contexto da obra, informa, inclusive, o título desse livro e as sensações da personagem à medida que o lê.



Tal circunstância ocorre, dentre muitíssimas outras narrativas, na obra O primo Basílio, de Eça de Queirós: Luísa, a personagem protagonista, em um determinado momento lê A dama das camélias, romance de Alexandre Dumas Filho. Repare no seguinte: a obra A dama das camélias foi publicada em 1848; O primo Basílio, de Eça, foi um romance publicado em 1878. Portanto, quando o narrador informa que Luísa está a ler A dama das camélias, tem-se “um texto dentro de outro texto”: A dama das camélias “no interior” de O primo Basílio: ocorre, aqui, uma intertextualidade.



Crédito: [https://pt.wikipedia.org/wiki/E%C3%A7a\_de\_Queir%C3%B3s#/media/File:E%C3%A7*a\_de\_Queir%C3%B3s\_c.\_1882.jpg*](https://pt.wikipedia.org/wiki/E%C3%A7a_de_Queir%C3%B3s#/media/File:E%C3%A7a_de_Queir%C3%B3s_c._1882.jpg) *- Domínio Público*

Naturalmente, há uma “intenção”, por parte do narrador, no sentido de relacionar Luísa à Dama das Camélias. Não importa, neste momento, analisarmos essas inter-relações entre ambas as personagens femininas. Queremos que você reconheça de que forma ocorre esse “mosaico de citações” definido por Kristeva. É importantíssimo, nesse contexto, que: múltiplas são as formas de se configurar a intertextualidade – o exemplo que citamos é uma dentre várias possibilidades.



Objetivamos, com isso, que você perceba o seguinte: a paráfrase também é intertextual! Intertextual por quê? Muito simples: há outro texto dentro do discurso parafrástico que você venha a produzir! Ou seja: quando você elabora um texto utilizando paráfrases, está, também, “realizando” uma intertextualidade. O seu texto parafrástico DIALOGA com o texto-fonte que você está reapresentando. Nesse caso, não é o mesmo contexto intertextual do romance de Eça de Queirós, mas, em ambos os contextos – no seu texto e no de Eça – há intertextualidade: um texto dentro de outro texto, um mosaico de citações!

Pronto! Esperamos que você esteja instrumentalizado para parafrasear com qualidade os seus textos. Desejamos a você excelentes experiências de escrita, de leitura, de interpretação!



BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2010.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Atica, 2013.

FUCHS, C. **La paráfrase.**  Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Contexto, 2008.

HILGERT, Jose Gaston. **Procedimentos de reformulação:** A paráfrase. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1990.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem.** São Paulo: Cortez, 2012.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem.** Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1990.

LEITE, Ivana Arruda. Escorpião. In**: Falo de mulher.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 17.

PÊCHEUX M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso**:** Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 2. ed. Trad. Bethania Mariani. Campinas/São Paulo**:** UNICAMP, 1993.

QUEIROS, Eça de. **O primo Basílio.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

